



*Psique e
Medicina
Tradicional
Chinesa*

Terceira Edição





NOTA

O conhecimento e a prática nesta área estão em constante mudança. Devem ser sempre adotadas medidas de segurança padronizadas e, à medida que novas pesquisas e experiências clínicas expandem nossos conhecimentos, pode haver necessidade e de mudanças ou de adequação no protocolo terapêutico e no uso de medicamentos. Aconselha-se aos leitores pesquisar as mais recentes informações fornecidas pelo fabricante da droga a ser utilizada, a fim de verificar a dose recomendada, o método e a duração do tratamento, e as contraindicações. E responsabilidade do médico, com base em sua experiência e no conhecimento do paciente, determinar a posologia e o melhor tratamento para cada paciente, individualmente. O Editor e a Autora não assumem qualquer responsabilidade em relação a qualquer dano e/ou prejuízo às pessoas, decorrente desta publicação.

A Editora





HELENA CAMPIGLIA

Médica pela Universidade de São Paulo. Médica Especialista em Clínica Médica e Acupuntura. Pós-graduada em Psicologia Analítica pelo Instituto Sedes Sapientiae. Formada em Vegetoterapia Caracteroanalítica (Terapia Reichiana) pela Sociedade de Vegetoterapia de São Paulo. Docente de Acupuntura e Medicina Chinesa da Associação Médica Brasileira de Acupuntura. Autora de Domínio do Yin, Da Fertilidade à Maternidade; a Mulher e suas fases Segundo a Medicina Tradicional Chinesa (3. ed. São Paulo: Ícone, 2018). Membro do Corpo Docente da Universidade McMaster; Ontário, Canadá, no Programa Avançado de Acupuntura Médica.

Psique e Medicina Tradicional Chinesa

Terceira Edição

**Ícone
editora**





**CIP — Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

C197d
3. ed.

Campiglia, Helena

Psique e medicina tradicional chinesa / Helena
Campiglia. — 3. ed. — São Paulo : Ícone, 2018.

Contém glossário dos termos em chinês.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN 978-85-274-1838-6

1. Medicina chinesa. 2. Corpo e mente. 3. Cinco elementos
(Filosofia chinesa). 4. Psicopatologia. 5. Psicoterapia. I. Título.

09-5108

CDD: 610.951

CDU: 61(510)

20/03/2018

25/03/2018





*Dedico este livro à
minha querida sobrinha Gabriela.*





© Copyright 2018
Ícone Editora Ltda.

Capa e Diagramação

Regina Paula Tiezzi

Revisão

Fabírcia Romaniv

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados desta edição para:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Javaés, 589 – Bom Retiro

CEP: 01130-010 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br





Agradecimentos

A minha mãe, Maria Cassilda Machado Campiglia, e a Dorothea Piratininga pelo inestimável e longo trabalho de revisão; a Frances Melvin Lee e Daniel Lee pela gentileza de emprestar os preciosos cadernos de desenhos chineses de Bel Ying Lee e a caligrafia dos ideogramas presentes no livro; a Hervé Dulaurans pelas traduções e pelas inúmeras idas e vindas do livro entre Brasil e França e, finalmente, por tantas ideias e incentivos para o novo capítulo contido na segunda edição; ao professor João Bezinelli pela revisão dos textos de orientação junguiana; à Laura Florence pela revisão dos textos de orientação reichiana; à Claudia Ferrão Baroni pela revisão das citações freudianas; ao professor Jean Marc Eyssalet, de cujo livro foram retirados alguns dos ideogramas que ilustram esta obra e a Alayde Mutzenbecher (*in memoriam*), por terem me introduzido ao universo dos mais herméticos e profundos textos chineses e pela inspiração dentro da energética chinesa e do incessível ciclo de mutações; ao Dr. José Antonio Bergamo pela revisão da fitoterapia chinesa; a meu pai, Oswaldo Roberto Pacheco Campiglia, e a meus dois avôs (*in memoriam*), Oscar Pereira Machado e Américo Oswaldo Campiglia, que me ensinaram, com seu exemplo, que é possível escrever.





Prefácio

Na cultura e no pensamento chineses, a psicologia, no sentido ocidental, não existe. Isso pelo fato de as influências sutis e basilares que determinam a construção de um ser humano e dos sentimentos que o animam estarem desde o princípio enraizado em seu terreno corporal.

As emoções e as paixões são impensáveis fora da vivência corporal, pois a existência humana não é concebida pela Medicina Chinesa como um produto de superposições de influências surgidas em planos separados e até mesmo opostos.

A própria vida é, antes de tudo, considerada o cruzamento dinâmico de múltiplas influências que condicionam todos os níveis de expressão, das mais densas às mais impalpáveis. Essa convergência de trajetórias e influências harmoniza o homem com os movimentos do mundo, segundo uma organização rítmica e ininterrupta, desde a concepção até a morte: é o que os chineses chamam de *Shen*, o Espírito.

A Doutora Helena Campiglia expõe em sua obra os aspectos fundamentais da dinâmica analógica expressa na doutrina dos Cinco Elementos aplicados à compreensão do corpo e à expressão do psiquismo sob todos os seus aspectos. Ela faz um inventário das principais correntes filosóficas, psicológicas e psiquiátricas do mundo ocidental, a fim de estabelecer um paralelo entre estas e os fundamentos da psicofisiologia chinesa.

As fases fundamentais do Espírito ou *Ben Shen* representam efetivamente os grandes eixos essenciais que sustentam a realidade humana. Disso tudo, a autora faz uma rica exposição que nos permite encarar as emoções e os distúrbios mentais sob um novo prisma.





HELENA CAMPIGLIA

Essa mensagem parece corresponder com propriedade a terra e à cultura brasileiras. A cultura chinesa efetivamente desenvolveu um pensamento refinado e universal sobre a natureza e o corpo “vivencial”, que se desenvolveu em continuidade e sem ruptura, nem conflitos verdadeiros, em relação à velha base xamanista que originalmente a inspirou.

Dr. Jean Marc Eyssalet
Paris, 23 de março de 2004





Introdução à Terceira Edição

A oportunidade de nova edição deste livro me fez pensar em rever muitos conceitos e mudar, talvez, pensamentos que pudessem não estar de acordo com minhas opiniões atuais. Porém, pouco a pouco, percebi que todo o livro pertencia a certa lógica particular, ou melhor, a um determinado fluxo de *Qi* de uma época específica da minha vida, época essa em que estudei psicologia mais a fundo e pude facilmente fazer as correlações necessárias para escrever o que se encontra no livro.

As mudanças da vida trazem, inevitavelmente, mudanças interiores e de pensamentos, sentimentos e posições, mas mudar uma pequena parte ou algumas partes deste livro me obrigaria a alterar a base filosófica da obra, algo que não desejava fazer.

Com o tempo, algumas das correntes de psicologia estudadas me pareceram estreitas demais para englobar toda a riqueza do ser humano e, hoje, minhas leituras a respeito dos traços de caráter e de personalidade são, sem dúvida, mais abertas e menos rígidas. Ainda assim, acredito ser importante fazer essas pontes de significados que propus entre as correntes psicológicas expostas na obra e a Medicina Tradicional Chinesa (MTC). A MTC, por utilizar-se de linguagem simbólica e universal, peca menos em relação à estereotipia; contudo, para um acupunturista ocidental, é necessário entender a MTC utilizando também conceitos e linguagem comuns ao imaginário e à formação ocidental. Não é necessário ser chinês para compreender a MTC, ainda que isso possa ajudar, e muito. Todavia, é necessário que a simbologia chinesa da MTC faça sentido para médicos, psicólogos e cuidadores. Este foi, e ainda é, meu maior intuito ao escrever *Psique e Medicina Tradicional Chinesa*, e acredito que o livro esteja cumprindo sua função.





HELENA CAMPIGLIA

Resolvi, então, adicionar um capítulo que, já na época da primeira edição, tencionava escrever: a inter-relação dos cinco tipos de personalidade — Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal (segundo os cinco elementos da MTC) — nos relacionamentos humanos. O tempo passou e pude, com os anos, maturar essas ideias, observando concretamente inúmeros pacientes, e também a partir de conversas com meu marido, que sempre me incentivou a escrever a respeito desse tema.

Qual não foi minha surpresa, ao sentar-me para escrever, que o capítulo tenha ficado praticamente pronto em três dias! Considerando que este livro foi escrito ao longo de três longos anos, acredito que tal rapidez e prontidão são frutos do amadurecimento do tema dentro de mim, e fico grata aos inúmeros leitores e à Editora Ícone que me oferecem a oportunidade de publicar uma terceira edição.

Helena Campiglia





Índice

Parte 1 — A Psique na Medicina Chinesa	15
Capítulo 1 — <i>Yin, Yang</i> e os Símbolos.....	17
Capítulo 2 — <i>Qi</i> , Energia Vital, Libido, Energia Psíquica	33
Capítulo 3 — Caracterologia Reichiana	43
Capítulo 4 — Os Cinco Elementos da Medicina Chinesa e sua Simbologia.....	65
Capítulo 5 — A Relação “Pessoal” entre os Elementos (como Indivíduos de um Determinado Elemento se Relacionam com Outros).....	121
Capítulo 6 — Sonhos e sua Interpretação na Medicina Chinesa.....	137
Capítulo 7 — <i>Shen</i> , o Espírito	143
Capítulo 8 — <i>Hun, Po, Yi, Zhi</i>	155
Parte 2 — Distúrbios Psíquicos na Medicina Chinesa.....	171
Capítulo 9 — Fatores de Adoecimento.....	173
Capítulo 10 — Psicopatologia na Medicina Chinesa.....	183
Capítulo 11 — Distúrbios Psíquicos e Desarmonias dos <i>Zang Fu</i>	201
Capítulo 12 — Pontos de Acupuntura no Tratamento dos Distúrbios Psíquico	227
Capítulo 13 — Fitoterapia no Tratamento dos Distúrbios Psíquicos ...	253





HELENA CAMPIGLIA

Capítulo 14 — Dieta no Tratamento dos Distúrbios Psíquicos.....	271
Capítulo 15 — Meditação	281
Capítulo 16 — Terapias de Abordagem Corporal e Simbólica	291
Epílogo	307
Glossário dos Termos em Chinês	309
Referências Bibliográficas	311
Bibliografia Complementar	313





Parte 1

A Psique na Medicina Chinesa







Yin, Yang e os Símbolos

Símbolo

O símbolo é a representação de algo, é mais que o próprio objeto visível e palpável, pois inclui sentidos ocultos e associados àquilo que está representando. O símbolo une diversos sentidos em uma só expressão. Uma pintura, um desenho ou mesmo a ideia de “céu” pode ter muitos sentidos: ar, voar, nuvens, paraíso, o céu em oposição a terra, o céu em oposição ao inferno, as estrelas do céu, o sol etc. Ou seja, o símbolo inclui uma gama de significados e associações ligados àquilo que representa. O próprio símbolo não pode ser definido, por ser intrinsecamente maior que qualquer definição. Rompe os limites da lógica, pois reúne em si opostos e extremos.

Usar o símbolo para expressar ideias possibilita uma compreensão de todos os significados nele explícitos e implícitos. O símbolo é um caminho circular, total, abrangente e dinâmico diferente da palavra que achata os significados a um plano linear e redutivo ou dos conceitos concretos, excludentes e estáticos que reduzem as possibilidades de se transcender à compreensão na direção de algo maior.

O símbolo traz, em si, invariavelmente, a polaridade: a luz e a sombra; o bem e o mal; o *Yin* e o *Yang*. Um leão pode ser símbolo de força e coragem, também de orgulho e soberba. A cruz, para os cristãos, é símbolo da morte de Jesus e, também, da redenção dos pecados e da vida eterna. A água pode dar vida, como a chuva que irriga o solo, ou tirá-la, em enchentes ou dilúvios.

A interpretação deste ou daquele símbolo está sujeita a quem o interpreta, quando e em qual contexto. O objeto, no caso o símbolo, depende do observador. Um sonho pode trazer símbolos coletivos, ou ligados à história





HELENA CAMPIGLIA

peçoal de quem o teve, ou ainda, pode representar uma situação vivida antes de adormecer. Interpretar um sonho, uma história, um quadro, uma escultura, um mito pode ser feito apenas parcialmente e, em muito, de forma subjetiva. O significado atribuído ao símbolo poderá variar imensamente, sendo sempre maior que uma definição pontual.

Segundo o filósofo hindu Ananda K. Coomaraswamy, simbolismo é a arte de pensar usando imagens. Em alemão, símbolo — *sinbild*, quer dizer, literalmente, imagem do sentido. O símbolo não pode ser compreendido apenas pela razão. Há, em cada símbolo, um conteúdo profundo que só pode ser apreendido por meio da intuição. A compreensão do símbolo pode gerar um *insight* e um salto evolutivo na vida psíquica do indivíduo. Por isso, os sonhos são usados para nos orientar no mundo inconsciente. Os sonhos expressam-se por imagens que são símbolos de uma realidade interna em contato (ou não) com o mundo externo. Interpretar um sonho simbolicamente possibilita a compreensão de algumas mensagens “cifradas” que o inconsciente envia. Para Jung, essas imagens internas não são inanimadas, mas contêm movimento e vida em si mesmos, podendo gerar sensações, emoções e associações reais. O símbolo, portanto, não deve ser visto como algo estanque, sem vida, pois nos relacionamos com ele ativamente, com reações reais de prazer, dor, alegria, dúvida, indignação e assim por diante.

Os símbolos podem ser pessoais ou coletivos. Os pessoais adquirem seu status simbólico quando associam vivências carregadas de emoção ou sensações a determinada imagem. Por exemplo, a casa é uma imagem do si mesmo, do *self*, é referência de um lugar de descanso, de reencontro consigo. É, também, a própria imagem do Universo. Pode ser interpretada de acordo com suas partes: o telhado, os alicerces, os banheiros etc. Entretanto, uma determinada casa pode ter significado específico e particular para certa pessoa. Por exemplo, “em um domingo de verão, um casal vai visitar um amigo em sua casa de campo. Lá chegando, a esposa sofre um infarto e morre. Para o viúvo, a casa de campo do amigo ficará como símbolo de morte e, como tal, poderá ser lembrada em sonhos e imagens”. Entretanto, não se deve supor que símbolos pessoais sejam “inventados” pela mente consciente, pois eles só vêm carregados de significado quando surgem espontaneamente.

De modo geral, o símbolo é atemporal, mas existem conotações culturais associadas ao seu significado que podem estar relacionadas a certa época. Um símbolo jamais é completamente abstrato; ele apresenta aspectos vivos e presentes no corpo (não só na psique). Outra característica do símbolo é a de que ele abarca e reúne em si a totalidade do que representa, mesmo sendo apenas um fragmento do todo. Nesse sentido, pode-se afirmar que o próprio homem representa simbolicamente toda a natureza, todo o Universo. Ele não é, porém, a natureza ou o Universo. Cada parte representada é





PSIQUE E MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

única e individual, mas a soma delas é sempre diferente do total inicial, pois é acrescida das características individuais. Por isso, a abordagem simbólica é tão atual, equiparando-se ao padrão (ou paradigma) holístico.

A palavra “holístico” vem de holismo, que, em Filosofia, indica uma tendência própria do Universo a sintetizar unidades em totalidades organizadas. O homem seria, segundo o holismo, um todo indivisível, cujos componentes distintos não podem ser considerados separadamente. No holograma, que é um tipo de fotografia na qual aparece uma imagem tridimensional, qualquer parte pode reconstruir a imagem inteira. Segundo a teoria de Karl Pribram, neurocientista norte-americano, as informações no cérebro podem estar distribuídas como em um holograma, o que explica por que não se pode determinar uma região exata para a memória. Esta estaria espalhada por diferentes regiões do cérebro e, ao se reconstituir uma parte dela, seria possível reconstituir o todo. O uso do símbolo funciona como um holograma evoca imagens diversas que podem reconstituir o todo original, levando em conta polos opostos e conceitos diversos.

A interpretação dos símbolos é também tema de longas discussões. Como visto anteriormente, o símbolo pode ser avaliado por meio de conceitos globais, mas apresenta conotações específicas, que mudam de indivíduo para indivíduo, de situação para situação (o objeto depende do observador). O significado final do símbolo não pode ser apreendido. Ele fica sempre parcialmente inconsciente. Portanto, interpretações de um símbolo não são finais ou absolutas. Nem toda cobra representa um símbolo fálico: seus significados são inúmeros e alguns ficarão ocultos. Na interpretação do símbolo, deve-se abrir um leque de opções: buscar referências na literatura, na arte e na música, pensar, sentir e intuir a respeito do seu significado e, finalmente, reunir uma variedade de interpretações. Algumas farão sentido, outras não. Pode-se observar a forma, a cor, o brilho, a emoção associada àquele símbolo e fazer ligações com outros. Escolhido o caminho, fecha-se a interpretação, focando um ou alguns aspectos, tendo, porém, em mente que sempre uma parte do significado do símbolo ficou intocada.

A necessidade de entendimento e a elaboração de algum aspecto interno da personalidade podem ser feitas usando-se a abordagem simbólica. Um garoto adora carros de corrida, que significado isso tem para ele? Os carros poderiam ser um símbolo de movimento, de agilidade, de poder, de fluxo de energia, de direcionamento ou, talvez, uma expressão de afeto da família, que o presenteia com carros de brinquedo. Em algum momento futuro, esse garoto, que já é um homem, encontra-se em uma situação de vida difícil, com problemas na família e nos negócios. Ele pode, então, deparar-se olhando para um carro e sentindo um imenso fluxo de emoções que dão a sensação de liberdade, movimento, direção e afeto. Se não for capaz de abstrair algum





HELENA CAMPIGLIA

sentido do símbolo representado no carro, esse homem poderá pensar apenas que deve trocar de carro, sem buscar em sua vida a direção e o movimento que esse símbolo evoca. Da mesma maneira, exemplos menos óbvios podem levá-lo a pensar: “Qual é o significado desse acontecimento, dessa doença, desse sonho em minha Vida?”.

Hoje em dia, algumas linhas de psicoterapia utilizam esse recurso para com o símbolo. A psicossomática afirma que diversas doenças têm um componente simbólico, expressando algo que não foi possível expressar de outra maneira. A hipertensão poderia, assim, significar uma tensão excessiva, mantida por muito tempo. As dores de estômago seriam, talvez, uma dificuldade para digerir não só determinados alimentos, mas também horários estressantes, regras rígidas, problemas pessoais. Se avaliarmos o que o símbolo representa em nossas vidas, isso poderá se transformar e deixaremos de precisar dele. O que não quer dizer, em absoluto, que os símbolos são óbvios e que seja possível mudar qualquer fato ou doença simplesmente assimilando seu significado. A abordagem simbólica possibilita novos *insights*, abre novas portas, mas como o próprio símbolo, não é um caminho linear. A pergunta “para que estou vivendo isso e para onde estou indo?” é uma maneira de iniciar uma jornada em direção ao *self* (si mesmo) desencadeada pelo símbolo.

Segundo Whitmont, em seu livro *A Busca do Símbolo*¹:

As imagens surgem como portadoras de mensagens que estão faltando às vezes, perigosamente faltando em consequência de opiniões e convicções unilaterais do consciente.

O autor acredita que o modo primordial de funcionamento da mente é via imagem. Só depois de formada a imagem pode-se abstrair seu significado. Algumas imagens são carregadas de emoções que se perdem ao se elaborar seu significado. Para Whitmont, os conceitos formados são secundários às imagens e, para ter acesso a emoção, deve-se recorrer a elas ou aos símbolos. As imagens psíquicas não seriam apenas fruto do que se observa no exterior, mas também do contato da realidade externa com o mundo interior.

Pensamento Ocidental e Oriental

Pensar simbolicamente é tarefa difícil para os ocidentais, acostumados ao pensamento lógico, cartesiano. Os modelos científicos utilizam-se de poucas variáveis, baseando-se em teorias lineares, em que de A chega-se a B por um caminho reto. Esses modelos são válidos para isolar componentes de uma equação.

20





PSIQUE E MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Ao se prescrever uma droga anti-hipertensiva a um paciente, além de dieta, exercícios físicos e relaxamento, o que realmente agirá para diminuir sua pressão? A dieta e os exercícios físicos seriam suficientes? Neste caso, prescrever uma medicação desnecessária não seria benéfico ao paciente. Todas essas dúvidas podem ser esclarecidas isolando-se os tratamentos indicados, estudando-os um a um. E, porém, praticamente impossível isolar e determinar o valor da relação médico-paciente como método anti-hipertensivo. Um paciente pode beneficiar-se da consulta com um médico simplesmente por sentir-se ouvido, amparado. Um outro, que espera ser medicado, poderá frustrar-se ao consultar o mesmo médico. Estudar todas essas relações no plano prático e racional é uma tarefa árdua e, às vezes, impossível, pois apenas alguns fatores poderão ser avaliados.

O pensamento simbólico e circular e abrangente. Não determina se a medicação fez mais ou menos efeito que a relação médico-paciente. No universo simbólico, o indivíduo não só entende a doença como símbolo, mas também seu tratamento. São caminhos nos quais a pessoa aprende mais sobre si mesmo e sobre as relações do mundo interno com o externo.

Em chinês, símbolo é *Xiang*, que representa a pegada de um elefante. A pegada pode ser vista, mas o elefante não está mais lá. Para algumas culturas, é mais fácil pensar simbolicamente, pois a mente dos indivíduos é treinada com imagens e não com conceitos. Esse “pensar” por meio de imagens é desenvolvido, muitas vezes, com o uso da linguagem, pois algumas línguas são escritas em símbolos como a chinesa, a japonesa, a egípcia antiga e trazem uma ampla gama de significados a cada palavra. Diz-se que as palavras fazem do infinito finito. Já o símbolo é capaz de ampliar os limites e tocar o infinito.

Os ideogramas são “palavras-função”, pois atribuem funções e não somente qualidades àquilo que pretendem descrever. Cada ideograma tem uma multiplicidade de significados possíveis e comunica-nos seu significado falando diretamente a intuição, ao nosso mundo interno. Além disso, muitos ideogramas têm radicais antiquíssimos, que remetem ao passado, às raízes individuais e culturais, tocando, uma vez mais, o mistério da vida em diferentes épocas da existência do homem. Por trazer em si tantas nuances e significados possíveis, ora simples, ora complexos, ora práticos, a linguagem simbólica é como um organismo vivo: pulsante e cheia de gradações, matizes, detalhes.

Por exemplo: em chinês, árvore é *Mu*, representada como um eixo vertical e suas ramificações laterais. Esse simples desenho evoca a imagem de árvore, mas também faz lembrar que a árvore é um eixo de vida entre o céu e a terra, que a semente brotou, cresceu e ramificou. Ele remete à força da vida, em direção ao crescimento, às trocas gasosas que a árvore faz pelos seus ramos, à sua interação com o meio ambiente e a mais tantas leituras quantas possam ser feitas do ideograma.





HELENA CAMPIGLIA

Um outro exemplo é o ideograma *Qi* ou *Chi*, que representa energia.

Chi ou Qi

氣

Não há palavra exata que traduza o ideograma *Qi*. Vê-se “respiração” ou “sopro” sobre “arroz cru” ou “ainda não cozido”. O grão de arroz tem a capacidade, em potencial, de desenvolver-se na terra. A planta do arroz cresce em direção ao céu, unindo a terra (*Yin*) ao céu (*Yang*). O arroz não cozido está abaixo da linha da terra, dando a ideia de profundidade. A imagem do ideograma evoca algo que tem a capacidade de transformar arroz em alimento, ou seja: “energia”, sopro divino, força transformadora, força vital ou, ainda, um vapor. O *Qi* é associado ao mundo invisível, pode ser comparado às partículas subatômicas, pois é um princípio básico de todo o Universo, que rege seu funcionamento. O *Qi* penetra em todas as dimensões da existência e participa de todas as funções do ser vivo. É responsável pela formação e transformação de toda a vida.

Um texto chinês, escrito em ideogramas, pode ter várias leituras possíveis. É extremamente vivo, dinâmico, tal como a compreensão do mundo e do próprio indivíduo, essencialmente mutável. Não só diferentes pessoas lerão o mesmo texto de modos diversos, mas a mesma pessoa poderá fazer do texto diferentes leituras, com significados distintos, dependendo do momento.

Medicina Chinesa

Assim como a língua chinesa é simbólica, a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) também o é. Há três mil anos não havia na China microscópios que detectassem vírus ou bactérias, mas já se descrevia a entrada de agentes “perversos” externos, causadores de doenças, como a invasão de um “vento”, que poderia ser um Vento-Frio ou um Vento-Calor, dependendo dos sintomas que surgissem. Também não havia a possibilidade de se classificar as doenças da forma como os ocidentais fazem hoje como, por exemplo, em hipertensão arterial sistêmica, artrite reumatoide, depressão etc. Então, recorreu-se mais uma vez aos símbolos. Os padrões de funcionamento do corpo, assim como





PSIQUE E MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

as doenças, foram agrupados em torno de Cinco Elementos, que são: Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal. Cada um representa mais do que a si próprio; um elemento representa um símbolo, que reúne, em si, vários significados e diferentes interpretações.

Além dos Cinco Elementos, a MTC dispõe de oito princípios: *Yin* e *Yang*, profundo e superficial, deficiente (ou vazio) e plenitude (ou excesso), frio e calor. As interações entre os Cinco Elementos e os Oito Princípios resultam em um grande número de quadros clínicos, síndromes e diagnósticos possíveis.

Um diagnóstico ou um padrão descrito de acordo com a terminologia da MTC pode parecer estranho aos ouvidos ocidentais como, por exemplo, “os rins produzem a medula óssea”. A leitura e a interpretação dessa frase são simbólicas e não literal. Longe de ser ultrapassada ou simplesmente mística, a linguagem da MTC pode ser atualizada e compreendida. Em algumas situações, parece até que os antigos chineses foram visionários. Hoje, sabe-se que a eritropoietina, hormônio responsável pela maturação dos glóbulos vermelhos, é produzido pelos rins, ou seja, existe realmente alguma ligação entre os rins e o sangue produzido na medula óssea. Mas nem todos os paralelos estabelecidos na MTC podem ser verificados à luz da medicina moderna. Usam-se, então, os Cinco Elementos descritos como padrões de agrupamento e repetições, como os “arquetipos” que aglutinam em si valores, elementos psíquicos, imagens.

Antes, porém, de surgirem os Cinco Elementos, os Oito Princípios e os padrões complexos de interação entre eles, a MTC baseou-se na teoria do *Yin* e do *Yang*. Esses dois símbolos são usados o tempo todo e permeiam todos os exemplos, todos os casos, todos os diagnósticos e toda a evolução do paciente. O conceito de *Yin* e *Yang* é usado em diversas áreas do conhecimento na China: na filosofia, na religião e na medicina. A MTC inteira partiu do *Yin* e do *Yang* e desenvolveu-se com esses símbolos.

O *Yin* e o *Yang* são polos de uma mesma coisa. Sem noite não haveria dia; sem dia não haveria noite. Tudo tem um aspecto *Yin* e um aspecto *Yang*. Todo o *Yang* contém em si o *Yin* e todo o *Yin* contém em si o *Yang*. Esse sistema *Yin-Yang* mostra uma visão integradora e holística que não permite a dicotomia entre matéria e espírito, corpo e mente, céu e terra, homem e mulher.

Yin e Yang

O que é metade ficará inteiro. O que é curvo ficará reto. O que é vazio ficará cheio. O que é velho ficará novo (...). O insuficiente





HELENA CAMPIGLIA

será aumentado. O excesso será dissipado (...). Tudo retorna à integridade perfeita².

Yin e *Yang* são polaridades do Universo, que é o conjunto de tudo que existe. A origem da palavra Universo está em um, unir, tornando um. Todavia, o Universo dividiu-se em dois e depois em milhões e bilhões de partes, originando a diversidade. A primeira divisão: *Yin* e *Yang*, segundo a tradição chinesa, encerram os princípios opostos e complementares do Universo. Alguns exemplos:

- O *Yin* é feminino, passivo, interno, a morte, a sombra, o mal, o obscuro, a terra, o útero, o inconsciente, o *eros* (emoção).
- O *Yang* é masculino, ativo, externo, a vida, a luz, o bem, o claro, o céu, o falo, o consciente, o *logos* (razão).

Porém, não se deve concluir que o feminino seja sempre a sombra, o inconsciente ou a morte e que o masculino, por sua vez, seja sempre a luz, o consciente, a vida. Cada par de opostos vale para si mesmo: vida-morte, masculino-feminino e, não entre si como masculino-vida. Isso quer dizer que a polaridade de um símbolo não pode ser superposta à de outro símbolo.

Sem polaridade não há diferenciação. Como saber que é claro se não existe escuro? O conflito gerado pelos opostos é fonte de vida e diversidade. Ou de morte e destruição. O atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, resultou de um choque de opostos que trouxe novas divisões: vítimas e culpados, o bem e o mal. Mas, de fato, se a questão for profundamente avaliada, há aspectos sombrios nos dois lados e possibilidades criativas em ambos. A resolução desse e de tantos conflitos consiste em unir todos os elementos presentes, criando uma nova realidade que mescle os dois polos, com outra dimensão e profundidade.

Quando o *Yin* e o *Yang* se unem, formam novamente o todo, o Universo, mas este já será diferente do inicial, como os gametas masculinos e femininos que, unindo-se, geram uma criança diferente dos pais.

Propriedades do Yin e do Yang

Não é intuito deste livro, explicar em detalhes, toda a teoria da MTC; para tanto, há excelentes livros-texto didáticos e abrangentes. A abordagem limita-se ao que for relevante para o estudo da psique na medicina chinesa.

Segundo o *Su Wen*, um dos mais antigos livros sobre a MTC de que se tem registro³:

24





PSIQUE E MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

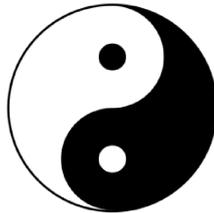
O *Yin* corresponde à falta de movimento e sua energia simboliza a terra, o *Yang* corresponde ao movimento e sua energia simboliza o céu; portanto, o *Yin* e o *Yang* são caminhos da terra e do céu. Como o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento, a colheita e o armazenamento são levados a efeito de acordo com a regra de crescimento e declínio do *Yin* e do *Yang*, então o *Yin* e o *Yang* são os princípios que norteiam todas as coisas.

O *Yin* e o *Yang* aparecem na literatura já desde o *I Ching* na forma de:

linhas inteiras ——— (Yang) ou linhas partidas — — (Yin).

O *I Ching*, ou Livro das Mutações, foi escrito em partes. Seus primeiros exemplares, de quase 5.000 anos atrás, continham apenas linhas *Yin* e *Yang* desenhadas em cascas de tartaruga. Usa-se o *I Ching* como oráculo: uma pergunta é feita e a resposta dada indica se determinada ação é favorável ou não, e como agir nessa situação. O livro contém 64 hexagramas, que são combinações das posições das linhas o *Yin* e o *Yang* são a base da filosofia e da religião e de toda a visão do Universo. Seu aparecimento retrata a filosofia de uma época, que se refletiu na medicina chinesa.

Juntos, o *Yin* e o *Yang* formaram o símbolo do *Tao*, que significa caminho:



É notável que no símbolo do *Tao* ocorra a presença não só da polaridade, mas também de um polo contido no outro. No ponto máximo do *Yin*, há a semente do *Yang* e, no ponto máximo do *Yang*, há a semente do *Yin*. Ou seja, à meia-noite, há o início de um novo dia e, ao meio-dia, há o início de uma nova noite. O nascimento já contém a morte, que se aproxima mais e mais a cada dia e, talvez, na morte haja o começo da Vida.

Além disso, o símbolo do *Yin* e *Yang* dá uma ideia clara de movimento e transformação; não é, de maneira alguma, um símbolo estático. Tampouco o equilíbrio sugerido pela medicina chinesa é estático.

A terra, como elemento *Yin*, pode fornecer nutrientes para uma muda que se transforma em árvore, e, desse modo, observa-se o crescimento, que é um símbolo *Yang*. Ou seja, o contínuo ciclo da vida é puro movimento e, a cada mudança, aparece um novo estado *Yin* e um novo estado *Yang*. A água





HELENA CAMPIGLIA

que evapora dos mares e cai em forma de chuva adquirem novas formas a cada ciclo. Só a ausência de vida é estática. O tão buscado equilíbrio para a obtenção da saúde e do bem-estar é extremamente dinâmico e está sempre se amoldando às mudanças do meio. É a capacidade de adaptação que confere uma boa saúde física e psíquica. E, a cada nova adaptação, a situação vivida é diferente da situação primeira, assim como a soma das partes *Yin* e *Yang* resultará sempre em um novo Universo, diferente do inicial.

Enquanto aspectos de um mesmo símbolo (o *Tao*), observam-se quatro características básicas da inter-relação entre o *Yin* e o *Yang*.

1. Oposição

O *Yin* é oposto ao *Yang* e vice-versa, mas apenas relativamente, pois nada é completamente *Yin* ou completamente *Yang*. Exemplos da oposição entre os dois:

<i>Yin</i>	<i>Yang</i>
Feminino	Masculino
Terra	Céu
Lua	Sol
Quietude	Movimento
Frio	Calor
Contração	Expansão
Soma (corpo)	Psique
Matéria	Energia

2. Interdependência

O *Yin* não pode existir sem o *Yang* e vice-versa, assim como o dia não existe sem a noite, nem a sombra, sem a luz. Essa relação é chamada recíproca, pois a energia não pode se formar se não houver matéria. Ou seja, para fazer com que surja o *Yin*, deve-se gerar o *Yang* e vice-versa. Um precisa do outro para existir e se desenvolver.

3. Consumo

O excesso de *Yang* consome o *Yin* e vice-versa. Como isso é possível? Um exemplo bastante ilustrativo é a fogueira: o fogo é *Yang* e a lenha é *Yin*. À medida que o fogo (*Yang*) aumenta, a lenha (*Yin*) é consumida.





4. Transformação

O *Yin* transforma-se em *Yang* e vice-versa. Após a tempestade, vem a calmaria.

Após um período de latência, o movimento é iniciado.

Na área médica, um exemplo da transformação é o Acidente Vascular Cerebral (AVC), popularmente conhecido como derrame. O AVC é um evento *Yang*, em suas características clínicas: a pressão eleva-se, sente-se dor de cabeça, um vaso cerebral sangra como uma “explosão”, porém, após este evento, ocorre, muitas vezes, a paralisia de um ou mais membros. A paralisia ou a ausência de movimento são de natureza *Yin*. As quatro propriedades citadas são exemplos da inter-relação da polaridade de um símbolo. Um polo não existe sem o outro, um depende do outro, um transforma-se no outro e um consome o outro. As mesmas propriedades podem ser aplicadas a outros exemplos de símbolos com outras polaridades. Um médico que desenvolve aspectos positivos da sua profissão, como a cura de doenças, o respeito dos pacientes e de familiares, alimenta, ao mesmo tempo, em igual proporção, certos aspectos sombrios da sua personalidade, tais como o orgulho, a autoconfiança excessiva, a sensação de já saber tudo e a falta de interesse real pelo outro. Em geral, os aspectos luminosos são conscientes, ao passo que os sombrios são inconscientes e ficam “trancados” no porão, como o esqueleto atrás da porta. É a luz gerando a sombra. Para lidar com esse problema, devem-se acolher com amor e humildade as fraquezas, o orgulho, a sede de poder, a inveja e outras características pessoais, sempre levando em conta a condição humana, que possui limites e aspectos negativos. Quem acolhe suas diversas polaridades evolui, tomando-se mais sensível ao sofrimento alheio.

Os Cinco Símbolos da Medicina Chinesa

Na medicina chinesa, além do *Yin* e do *Yang*, há cinco elementos, que contêm, em si, cinco movimentos energéticos diversos, chamados de *Wu Xing*.

Em chinês, *Wu* significa cinco e *Xing* quer dizer movimento, andar, conduzir, ação. O ideograma de *Xing* mostra pés que se alternam; direita e esquerda, evocando a alternância do *Yin* e do *Yang*.

Wu Xing, portanto, significa os cinco movimentos, traduzidos, muitas vezes, como “os Cinco Elementos”, pois cada movimento corresponde a um elemento na medicina chinesa: Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal. Porém, a ideia de movimento não pode ser corretamente entendida se traduzida apenas como elemento, pois o movimento é naturalmente dinâmico e a palavra





HELENA CAMPIGLIA

elemento gera uma sensação estática. Os movimentos são associados não só a elementos, mas também a cores, sabores, sons, órgãos e funções do corpo e da mente. Nos capítulos subsequentes serão estudados cada um dos movimentos (ou elementos) da MTC e suas simbologias.

Resumidamente, o movimento do Fogo é multidirecional, como um estouro. Sua imagem é a de um raio e seu ideograma é *Huo*. Sua função é culminar, chegar ao máximo, e sua dinâmica é a da explosão. O Fogo, na MTC, está associado ao Coração, ao Sangue, ao Intestino Delgado, à alegria, ao verão, à fala e ao espírito.

O movimento da Madeira pode ser corretamente traduzido pelo movimento da “árvore”. O ideograma para Madeira é *Mu*, que quer dizer madeira ou árvore. Árvore evoca algo que brota e cresce, que tem maleabilidade, movimento e flexibilidade, ao passo que madeira remete à ideia de algo duro, fixo e linear. O movimento da Madeira é vertical, em direção ao alto. Sua função é a de elevar, sua dinâmica e a da projeção. Madeira, na MTC, está associada ao Fígado, à Vesícula Biliar, à raiva, à primavera, aos olhos e à alma.

Fogo e Madeira (árvore) são movimentos *Yang*: para cima e para fora. Água e Metal são movimentos *Yin*: para baixo e para dentro. Antes de iniciar a “inversão” dos movimentos *Yang* em movimentos *Yin*, há um período de relativa estabilidade, uma pequena pausa que se chama *Tu*.

Traduzido como Terra, *Tu* é, na verdade, o símbolo de um altar, que fica ao centro de um templo. Ou seja, *Tu* quer dizer centro, um limite entre o céu e a terra entre o mundo interno e o externo. Sua função é a transmutação e sua dinâmica é a de centrar, de fixar. A Terra, na MTC, é representada pelos órgãos, Baço, Pâncreas e Estômago, pela reflexão, pela digestão, pela boca e pelo pensamento.

O movimento do Metal corresponde a um retorno, com a formação de uma superfície lisa e brilhante. Seu ideograma *Jin* mostra a separação do puro e do impuro, a estratificação. Sua função é a diferenciação e sua dinâmica, a retração e a decantação. O Metal, na Medicina Chinesa, está ligado ao Pulmão e ao Intestino Grosso, à respiração e à absorção de energia (bem como sua distribuição no corpo), à tristeza, ao outono, ao nariz e aos instintos.

O ideograma para Água, *Shui*, é a imagem da confluência, conduzindo à aproximação, à compressão e a oscilação em torno de um eixo. Sua função é a regeneração e sua dinâmica e a descida. A Água, na MTC, é representada pelos Rins e pela Bexiga, pela “bateria energética” do homem, sua vitalidade e ancestralidade, pelo medo, pela adaptação, pelos ouvidos, pelo inverno e pela força de vontade.

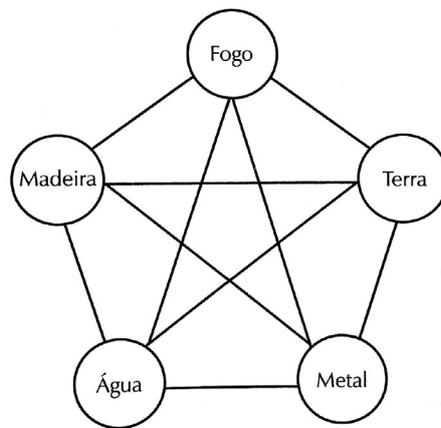
28





Ciclos de Geração e Dominância

O ciclo de geração representa o ciclo do tempo, da vida, da formação de novos elementos. A Água gera a Madeira, a Madeira gera o Fogo, o Fogo gera a Terra, a Terra gera o Metal que, finalmente, gera a Água. De modo simbólico, a água irriga a planta (madeira) que brota e cresce, a madeira alimenta o fogo, o fogo queima a madeira e deposita as cinzas, alimentando a terra, que gera em seu interior diversos metais e a água brota da pedra e das fontes minerais.



O ciclo de geração é de natureza *Yang* (natureza única) e não tem uma “inversão” patológica. Ou seja: a Madeira não pode voltar à Água, nem a Água ao Metal e assim por diante. Contudo, pode-se observar um caminho de iniciação, se o ciclo de geração for feito ao contrário; do filho em direção à mãe. Interessante notar, como observa Patrick Paul, em seu livro *Tendre la Main au Vide*, que, nas artes marciais, a progressão do aluno é indicada por faixas coloridas, começando pela branca (Metal), seguida pela amarela (Terra), seguida pela vermelha (Fogo), depois, pela verde (Madeira) e, finalmente, pelas superiores marrom e preta (Água). Ou seja, o caminho da consciência remete às origens; o filho volta a mãe, volta-se ao passado, as forças ancestrais para se chegar ao conhecimento e, assim, progredir⁴.

O ciclo de dominância e um ciclo de controle, de limite, que impede, em última análise, o crescimento descontrolado de qualquer um dos elementos. Sua figura vista na disposição dos Cinco Elementos é a de uma estrela de cinco pontas ou um pentagrama. Nesse ciclo, a Água controla o Fogo, o Fogo controla o Metal, o Metal controla a Madeira, a Madeira controla a Terra e a Terra controla a Água. Simbolicamente, tem-se: a água apaga o fogo, o fogo forja o metal, o metal corta a madeira (ou árvore), a madeira tira da terra seus nutrientes para crescer e, portanto, “controla” a terra que, finalmente,





HELENA CAMPIGLIA

absorve a água. Desse modo, há um equilíbrio entre os elementos, de forma que nenhum se sobressaia ou se torne excessivo. O ciclo de dominância é de natureza *Yin* e, portanto, dual como o próprio *Yin* (linha cortada). Sua dualidade se expressa nas duas direções em que o ciclo de dominância pode assumir: nessa ou na oposta.

O ciclo de dominância pode transformar-se em ciclo de agressão se sua direção for invertida. Quando há desequilíbrio dos elementos, a Água agride a Terra, a Terra agride a Madeira, a Madeira agride o Metal, o Metal agride o Fogo e o Fogo agride a Água. Esse ciclo é chamado de patológico, pois gera doenças e desorganização internas. Os ciclos de geração e dominância funcionam o tempo todo como um mecanismo de autorregulação do homem. Por essa razão, não existem patologias de um elemento que não afetam o outro e, se um elemento estiver enfraquecido, não poderá controlar o outro. Por exemplo, na MTC no quadro de deficiência de energia dos Rins (Água) tem-se alteração do Fígado (Madeira) e, muitas vezes, descontrole do Coração (Fogo). Esse mecanismo intrincado mostra a necessidade de um desenvolvimento global do ser humano, sem hipertrofiar demais um órgão deixando de lado os outros. Faz-se, do mesmo modo, alusão ao ecossistema, em que a cadeia de alimentação mostra claramente a interdependência em relação a todos os outros organismos vivos.

O número Cinco e sua Simbologia

O número cinco indica dois movimentos e um retorno ao centro: o movimento horizontal, o movimento vertical e a intersecção dos dois. Em chinês, o ideograma utilizado para a palavra “homem” mostra as cinco pontas da figura de um homem de braços abertos. As cinco posições são: à esquerda, à direita, o alto, e o baixo e o centro, o que, em outras palavras, quer dizer:

- **No eixo horizontal:** O mundo interno e o externo do ser humano (o eu e o outro, *self* e não *self*).
- **No eixo vertical:** O mundo da terra e o do céu (raízes e crescimento, o bem e o mal, o corpo e o espírito).
- **A intersecção dos dois:** Representa o centro, o homem que está entre o céu e a terra e entre o “dentro” e o “fora”.

Quando e para que Usar o Símbolo?

O símbolo é um mapa, um caminho em direção ao *self*. É vivo e ativo; causa sensações, sentimentos e associações. Ao deparar-se com um símbolo,





PSIQUE E MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

seja em um sonho, seja em uma doença ou em um objeto de arte, o indivíduo pode explorar o significado desse símbolo, que não será completamente compreendido e assimilado pelo seu consciente, por ter uma raiz misteriosa que fica imersa no inconsciente. Se o símbolo for completamente revelado, perderá sua força simbólica e será substituído por outro, que atinja o mundo obscuro e profundo da psique. Quando, por outro lado, o símbolo não é reconhecido como tal e adquire um aspecto autônomo, poderoso e mágico, torna-se dissociado do seu sentido adquirindo o *status* de alucinação, delírio ou vivência psicótica.

A própria psique está sempre formando novos símbolos para fazer fluir a libido, a energia psíquica e física, o *Qi*. *Os símbolos orientam a direção da energia.*

A interpretação dos símbolos deve ser feita paralelamente no âmbito pessoal e coletivo, lembrando que, como o próprio símbolo é movimento, poderá sofrer mudanças de sentido ao longo do tempo. À medida que seus mistérios são desvendados, o símbolo pode adquirir novas dimensões. Segundo Jolande Jacobi, o símbolo só é vivo se estiver “prenhe” de significados⁵.

No processo de individuação, que é o caminho pelo qual a pessoa se torna aquilo que realmente é, o indivíduo tem, no símbolo, um mapa que pode orientá-lo na busca da sintonia com sua essência individual.

Estudar medicina chinesa é entrar no mundo dos símbolos. “No princípio era o *Tao*”, o todo indivisível, o uno, o caminho que se divide em *Yin* e *Yang*. *Yin* e *Yang* nada mais são que polaridades, aspectos diferentes opostos e complementares do *Tao*. São partes do símbolo representativo do todo (do *Tao*), que está dividido em duas metades. Esquerda e direita; feminino, masculino; dia e noite; ativo e receptivo; terra e céu; e assim por diante. Esta é a primeira subdivisão de um símbolo, que significa o todo.

Novas subdivisões levam aos Cinco Elementos ou símbolos (Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal). A teoria dos Cinco Elementos agrupa características em torno de cada um deles e classifica o funcionamento do organismo de maneira bastante peculiar. Ao mesmo tempo em que separa órgãos, sintomas e funções, também os relaciona, uma vez que cada elemento depende do outro para sua criação e controle. Tem-se a figura de um Universo mais complexo e subdividido que o todo indiferenciado inicial, mas que jamais prescinde da ligação entre as partes.

Cada elemento possui características definidas e conhecidas. Todo acupunturista sabe que, ao elemento Água, por exemplo, relacionam-se os Rins, a Bexiga, a sexualidade, a herança genética, os ossos, o cérebro e assim por diante, mas o que poucos sabem é que cada um desses elementos tem, ainda, muitas outras implicações simbólicas. Intuitivamente, sabe-se que a Água é o símbolo do mar, onde se fez o caldo da vida (os primeiros seres

